

as mais prodigiosas sem parelha,
Pois Deus he' he' Comcedes tantas virtudes
Praza o festamento da Ley ueha
N's formas oscecretos as figuras,
Planícieiro d'ouro abij semelha,
De' tas uarias laures e mal duras,
A arca o esto causto arara mesa
Com todas seus esmaltes e riqueza;

EM TREZE CANTOS:
POPELA FEMININA EM
RECINTO MONÁSTICO.
MEMORIAL DOS MILAGRES DE CRISTO
MARIA DE MESQUITA PIMENTEL

ESTUDOS E NOTAS DE:

L MORUJÃO (COORD.)
NIA FIALHO CONDE
A DO ROSÁRIO MORUJÃO

MARIA DE MESQUITA PIMENTEL: A NOVA GLÓRIA DOS PIMENTÊIS NO MOSTEIRO DE S. BENTO DE CÁSTRIS

ANTÓNIA FIALHO CONDE
UNIVERSIDADE DE ÉVORA/CIDEHUS-UE/CEHR
mconde@uevora.pt

(...) No ano de 1662 acabou esta mortalidade a reverenda Madre Maria de Mesquita Pimentel, natural da mais estremada vila do Alentejo: Estremôs: ainda lá há essas nobres famílias: era, quando acabou a segunda mais antiga do Convento, e não sei se diga a primeira nas virtudes e exemplos. Foi muito penitente, mas igualmente recatada; a todos os olhos occultava tudo o que fasia: mas sabia-se que toda a sua virtude lhe provinha de sua muita oraçam: nesta passava dias e noites: e parece, que a sua mais frequente meditação era na vida de seu amado Espozo; infere-se de que todo o tempo que lhe sobejava do clero, e de seos exercícios de virtude, o ocupou, e aproveitou escrevendo a vida do Senhor. Escreveo em 8.^a rima três livros de sua Santíssima vida, e dizem, que disseram homens doutos, e virtuosos, que ela o não podia fazer sem ciência infusa, pela excelência com que explica os mistérios divinos, e humanos, de seu Espozo: elle mesmo parece que dictava o que ela escrevia. Imprimio-se só o primeiro livro da Infansia do Menino Deus; os outros dous levaram os reverendos padres bernardos para Alcobaça, dizendo que para os imprimirem: o certo é que eles ainda não saíram à luz, e queira Deus não estejam perdidos; mas crêramos que assim guardados por peças dignas de tesouro; mas este escondido, está dito, que a ninguém pode ser bom. Acabou a Me. Maria de Mesquita no ano assignado: está dito que quando não digo o ano, mês e dia mo não disseram. Se os anjos morressem, morreriam como morreu esta religiosa: morreo como tinha vivido; e tinha vivido como queria morrer: morrerá assim, quem assim viver.⁵²

É desta forma que o P. Manuel Fialho se refere, na sua obra *Evora Illustrada*, a Maria de Mesquita Pimentel, mencionando a sua naturalidade, a longa e virtuosa permanência no mosteiro, bem como a sua obra escrita, de reconhecida qualidade. Da parte da obra que permanecera manuscrita temia já este autor que a mesma se tivesse perdido, dado ter sido levada para Alcobaça, a pretexto de futura impressão, não concretizada. Valorizando a qualidade dos textos e a sua importância, Manuel Fialho prefere supor que os manuscritos estariam guardados, à guisa de tesouros, embora reconhecendo que o tempo poderia condená-los ao esquecimento. Expressa ainda o P. Manuel Fialho que a obra serviria muito melhor se estivesse impressa e pudesse ser lida, não podendo, manuscrita e oculta ao olhar de possíveis leitores, ser apreciada e cumprir a sua missão.

Neste ano de 2015, volvidos trezentos e cinquenta anos sobre a morte da religiosa e trezentos e setenta e sete sobre a edição do primeiro dos livros, eis chegada a ocasião para a impressão de mais um deles, o segundo na ordem que a Autora lhes conferiu, o *Memorial dos Milagres*.

O P. Francisco da Fonseca⁵³ cita Maria de Mesquita Pimentel como um pa-

⁵² Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXX/1-11, FIALHO, P. Manuel, *Evora Illustrada, com noticias antigas e modernas sagradas e profanas* [Manuscrito], Tomo 4.º, 1.ª parte, fls. 29, 29v.

⁵³ FONSECA, 1728: 385.

radigma
que o ú
Esta opi
lo XVII
Lusitana
Hispana
O Roub
Antónic
das repr
como «l
cido, no
áreas, n
de ter si
claustr
Natal, à
vida asc
vés de a
e com o
de Vila
Viçosa,
exemplo
Pimente
Évora, o
ma Infa
da Purif

54 MONTE
texto, p. 60
florum//Se
tener quae
hoste trium
55 Embora
guês e espa
entre os au
56 Reprodu
Estampa, l
57 MACED
58 Entre ou
59 BELLIN
98142- htr
te, MORUJ
60 Cf. MOE
61 Bibliotec

radigma não só em termos da vida religiosa, mas também de erudição, referindo que o único tomo impresso, dos três que escrevera, o dedicara à puerícia de Cristo. Esta opinião é partilhada pelo P. António Franco, também eborense. Ainda no século XVIII, em 1745, a obra da religiosa é citada na obra *Corpus illustrium poetarum Lusitanorum, qui Latinè scripserunt*⁵⁴ e, em 1788, por Antonio Nicolás na *Bibliotheca Hispana*⁵⁵. A sua obra impressa irá continuar a ser referida no século XIX, como n' *O Roubo das Sabinas*⁵⁶, de Almeida Garrett, ou, já no final do mesmo século, por António de Sousa Macedo⁵⁷, que se refere a Maria de Mesquita Pimentel como uma das representantes da literatura produzida em contexto conventual, que ele designa como «literatura enclausurada». O mesmo se verifica no século XX⁵⁸, tendo conhecido, nos inícios do novo milénio, renovado interesse por investigadores de distintas áreas, nomeadamente a História e a Literatura⁵⁹. Esses estudos apontam para o facto de ter sido através da poesia que a voz das monjas mais se fez ouvir, entendido o claustro como espaço de libertação criadora, convocando temas ligados à Virgem, ao Natal, à Paixão e Ressurreição de Cristo, ou temas bíblicos, até aos que exaltavam a vida ascética e a mortificação monacal, acabando por chegar ao mundo secular através de alguma obra impressa. Nesse universo se enquadram, para a região de Évora, e com obra publicada, Cecília do Espírito Santo, professora no convento das Chagas de Vila Viçosa, em 1668, e, em 1758, do Convento de Santa Cruz, também de Vila Viçosa, Soror Tomásia Caetana de Santa Maria⁶⁰. Na cidade de Évora, temos outros exemplos de obras escritas por religiosas, também posteriores a Maria de Mesquita Pimentel, como D. Maria Felipa de Sampaio, religiosa no mosteiro de Santa Clara de Évora, onde foi abadessa, e que escreveu alguns sonetos sobre *A morte da Serenissima Infante de Portugal*⁶¹. Foi em prosa que se expressou, em 1676, Madre Mariana da Purificação, carmelita descalça em S. José, através de uma *Emformação* (Carta),

⁵⁴ MONTEIRO, Manuel, ed. lit.; REIS, António dos, ed. lit., 1745- [1748]: Tomo VIII, 60, nota 278. No corpo do texto, p. 60-61, é referida como *Illa, Pimenteliae Gentis nova gloria, Pindo/Nomen in excelso magnum, viridantia florum//Serta gerens, niveo pulsabat pectine chordas/ Infantique parans meliora crepundia Verbo/ Omnia facta, tener quae tu, bone Christe, puellus/ Gessisti, conscripta libro tibi donat; Amoris/ Divinique canit tenebroso ex hoste triumphos.*

⁵⁵ Embora a cite como pertencendo ao mosteiro de Celas, e colocando ainda a dúvida se terá escrito em português e espanhol. Este Autor coloca-a ainda em dois dos seus índices: no dos escritores cistercienses ibéricos e entre os autores lusitanos que nasceram em lugar incerto. Cf. ANTONIO, 1728: Tomo II, 88.

⁵⁶ Reprodução fac-similada do manuscrito existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Editorial Estampa, 1979, p. 214.

⁵⁷ MACEDO, 1892: 22.

⁵⁸ Entre outros, MENESES, 1919: 178; NORONHA, 1938: Vol. 2, p. 17 e 47; CARDOSO, 1917; MORUJÃO, 1998.

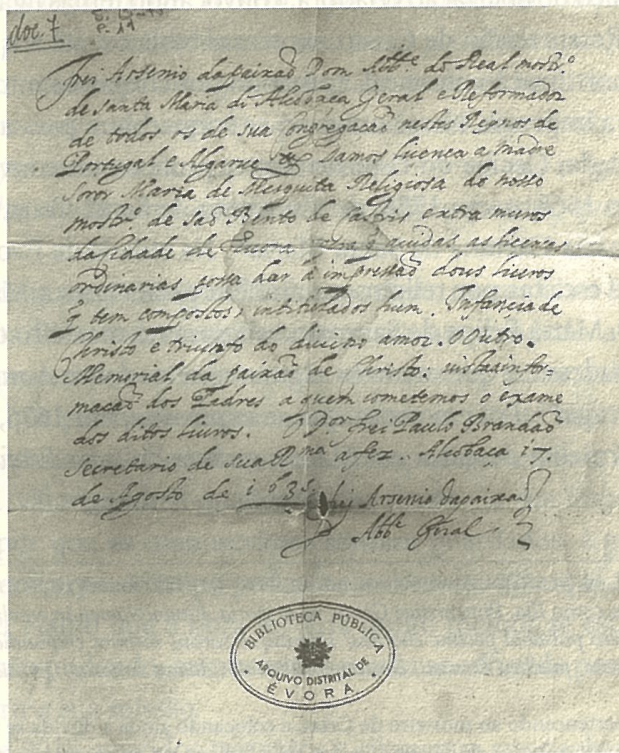
⁵⁹ BELLINI, SOUZA, SAMPAIO, 2006: 85, em que é citada a obra impressa; CONDE, 2009. ISBN 978-972-98142- https://bdigital.sib.uc.pt/jspui/bitstream/123456789/18/5/espacos_e_paisagens_vol_2.pdf. Recentemente, MORUJÃO, 2013.

⁶⁰ Cf. MORUJÃO, 1995 e 1993: 123-141.

⁶¹ Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXV/1-28, fl. 58v.

onde comunica às religiosas do hábito reformado qual o caminho da vida espiritual⁶². Contém ainda a descrição de algumas experiências pessoais, sendo este um veículo eleito pelos responsáveis das comunidades religiosas para, através dos confessores e orientadores espirituais e suas confessadas, reconhecidas pelas comunidades como virtuosas e modelos de vida em comum, instruírem as demais religiosas.

Para a análise do testemunho escrito de Maria de Mesquita Pimentel devem ser consideradas – como para casos similares – coordenadas diversas, desde a do mosteiro a que pertencia e da importância do mesmo na Ordem, à região e hierarquia socioeconómica de onde procedia a religiosa. A análise deve ter em conta tanto a obra publicada como a que ficou inédita, sendo imperioso atentar nas licenças de impressão. Temos a licença manuscrita para impressão da obra, dada pelo Abade Geral Frei Arsénio da Paixão em 1635, e por ele assinada, na Biblioteca Pública de Évora, na documentação do mosteiro⁶³:



Licença para impressão dos dois livros de Maria de Mesquita Pimentel. Biblioteca Pública de Évora, Livro 7 Fundo S. Bento, doc. 7.

⁶² Biblioteca Pública de Évora, Cód. CV/1-20, fl. 29. Com a mesma intenção, de partilha experiencial e por orientação dos confessores, surgem as autobiografias, de que poderemos apontar o exemplo da de Madre Teresa da Anunciada no convento de clarissas da Esperança em Ponta Delgada, em inícios de Setecentos, a propósito da sua proximidade com a imagem do Senhor Santo Cristo [dos Milagres]. Cf. GONÇALVES, 2005-2006: 275-307.

⁶³ Biblioteca Pública de Évora, Livro 11 Fundo S. Bento, doc. 7. Os exemplares impressos existem na Biblioteca Nacional de Portugal, Res. 521 P. e na Biblioteca Nacional de Espanha, R/ 14996, PIMENTEL, 1639.

N
docum
contri
comun
o dese
ção à e
ao sur
um sig
Foi, de
desem
giosa
encont
teiro. A
deputa
da por
Maria
1643 v
e aind
tadas,
Mesqu

64 Em 151
Guiomar
D. Guiom
D. Antón
Brito; 16
Ana de S
Almeida;
Maria de
(Abril), D
D. Brigid
de Castel
Joana Ter
1708/09,
Paim; 171
Maria Di
1741, 174
Cunha S
neiro), D
D. Caetar
1803, Ter
65 Bibliot
66 Bibliot
67 Bibliot
68 Arquiv
69 Bibliot
70 Bibliot

No caso presente, o ponto de partida da nossa investigação foi o espólio documental do mosteiro, de molde a serem localizados alguns elementos que contribuíssem para o estudo do percurso de Maria de Mesquita Pimentel na comunidade cisterciense ducentista de Évora, e em que tivemos em atenção o desempenho de cargos/ofícios, especialmente o de escritã, pela sua ligação à escrita. Para o período moderno, particularmente o período posterior ao surgir da Congregação Autónoma de Alcobaça (1567), é possível apontar um significativo número de religiosas que estiveram ligadas a esse ofício⁶⁴. Foi, de facto, a partir dos registos do exercício deste cargo, e de outros que desempenhou na hierarquia interna da comunidade, que localizámos a religiosa na documentação do cenóbio, dado que, inexplicavelmente, dela não encontrámos, até agora, o contrato de dote, marcando o seu ingresso no mosteiro. Além de escritã, em 1637/38, Maria de Mesquita surge como priora e deputada⁶⁵, sendo escritã a religiosa Ana de Santiago. Em 1639 prolonga ainda por algum tempo essas funções⁶⁶, sendo ainda nesse ano substituída por Maria Barreto da Silveira, mudando também a escritã da comunidade. Em 1643 volta a surgir como priora⁶⁷, só sendo novamente referida em 1657⁶⁸, e ainda no mesmo ano, entre as religiosas citadas do mosteiro, após as deputadas, e sem nenhum cargo atribuído⁶⁹. No ano seguinte, em 1658, Maria de Mesquita Pimentel figura entre as deputadas⁷⁰ e, em 1663, a 3 de Dezembro,

⁶⁴ Em 1570, Juliana de Lordelo/ Antónia Lobo; 1572, Brásia Borges; 1581, D. Antónia Loba; 1581 (Setembro), Guiomar de St.º António; 1582, Guiomar de Brito; 1584 e 1590, Guiomar de St.º António; 1587, D. Mécia; 1595, D. Guiomar de Ataíde; 1596/97, D. Catarina da Câmara; 1601, D. Elvira Coutinho; 1602, D. Joana da Silva; 1605, D. Antónia de Almeida; 1605/06, 1609, Maria Falcão; 1609/10, D. Paula de Almeida; 1611, Gracia Carneira de Brito; 1620/22, Maria Barreto da Silveira; 1622/23, Maria de Villalobos; 1625, Clara Botelha; 1631, 1637/39, Ana de Santiago; 1639 (Setembro), Mariana Zagala Mascarenhas; 1643, Maria de Castro; 1647/49, D. Úrsula de Almeida; 1650/51, D. Paula de Figueiredo; 1654/55, D. Maria de Carvalho; 1657/58, Inácia Pimentel; 1659/62, Maria de Jesus; 1663, D. Luísa Antónia; 1664, D. Luísa de Mesquita; 1666/67, D. Maria de Vasconcelos; 1667 (Abril), D. Felipa Maria; 1669, D. Margarida Valadares Cota; 1672/73, D. Francisca Madalena de Matos; 1678/80, D. Brígida Botelho Garcês; 1680 (Setembro), 1682/83, Vicência Maria de Sousa; 1684/86, D. Margarida Moniz de Castelo Branco; 1689, D. Elvira Josefa de Toledo e Castro; 1690/92, Maria Josefa do Sacramento; 1696/98, D. Joana Teresa de Paredes; 1702/03, Maria Antónia Moniz de Castelo Branco; 1705, D. Catarina M.ª de Carvalho; 1708/09, Maria Arcângela Monteiro; 1710, D. Maria Catarina Vieira; 1715/16, D. Maria do Nascimento e Antas Paim; 1717, D. Josefa Teresa; 1723, D. Teresa Jacinta Vidigal; 1726/27, D. Inácia Maria de Figueiredo; 1730/32, D. Maria Dionísia de Soutomayor Contreiras; 1737/39 (Março), D. Maria Violante Saraiva da Costa; 1739 (Agosto), 1741, 1749, Teresa Caetana Gertrudes de Sousa; 1744, D. Luísa Antónia de Sousa; 1751/52, D. Antónia Rita da Cunha Sottomayor; 1754/55, D. Antónia Rita; 1780, D. Ana Máxima; 1782, D. Maria Ana de Mesquita; 1785 (Janeiro), D. Teresa Bernarda de Madureira; 1785 (Outubro), 1786/88, D. Ana Rita Peregrina do Desterro; 1792/93, D. Caetana Josefa da Luz Barros; 1796, Teresa Bernarda de Madureira; 1801, 1806, Mariana das Dores Próspera; 1803, Teresa Bernarda de Madureira; 1825, D. Maria do Carmo; 1830, D. Inês Angélica Salgado.

⁶⁵ Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXXI/2-2, fls. 298v, 302v, 305, 308, 313.

⁶⁶ Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXXI/2-2, fl. 316.

⁶⁷ Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXXI/2-2, fl. 337v.

⁶⁸ Arquivo Distrital de Évora, *Notarial de Évora*, Livro 825, fl. 116.

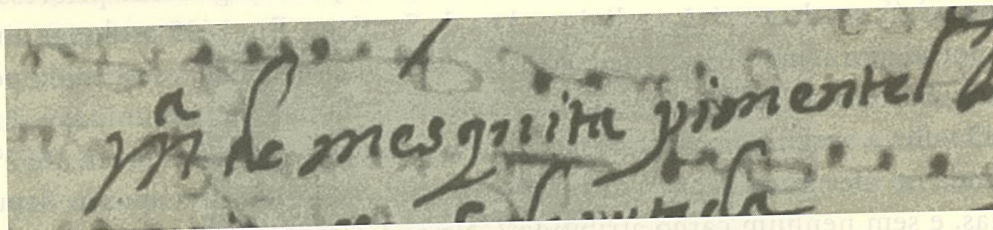
⁶⁹ Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXXI/2-1, peça 19; Cód. CXXXI/2-27, fls. 340, 341v.

⁷⁰ Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXXI/2-27, fls. 351v, 355v, 359v.

temos a última referência à sua presença no mosteiro, em termos de desempenho de funções, ao ser citada ainda entre as deputadas⁷¹.

É exactamente esta última referência que assume particular importância para o nosso estudo, ao expor um dado novo e uma releitura da biografia de Soror Pimentel, até agora não consensual. De facto, segundo o Autor da *Bibliotheca Lusitana*, Soror Mesquita Pimentel teria falecido em 1661, enquanto para o P. Manuel Fialho ela teria morrido em 1662. Como se comprova após esta deambulação por arquivos e pelo cruzamento de toda a informação disponível, a documentação do mosteiro cita-a ainda em 1663, o que significa que ainda vivia nesse ano.

A nossa pesquisa, que se estendeu a contratos de natureza diversa, permitiu ainda localizar a sua assinatura e, de algum modo⁷², dar rosto aos contornos biográficos tão estranhamente indefinidos de Soror Maria de Mesquita Pimentel:



Assinatura de Maria de Mesquita Pimentel. Arquivo Distrital de Évora, Notarial de Évora, Livro 442, fl. 42v.

Se foi moroso e complexo localizarmos a religiosa na comunidade cisterciense de Évora, mais difícil se tornou comprovar os relatos comumente aceites sobre as suas origens familiares e geográficas (já nos referimos à ausência do seu contrato de dote na documentação, um dado que facilitaria inquestionavelmente esta tarefa). Para as nossas referências à religiosa, e no que até agora escrevemos, temos seguido Diogo Barbosa Machado (e os que na sua senda trabalharam, como Inocêncio Francisco da Silva). Para o autor, Maria de Mesquita Pimentel era filha de João Pimentel da Silva, teria nascido em 1580, em Estremoz, e morrido no mosteiro de Cástris em Novembro de 1661, com oitenta anos⁷³. Para outros autores, ela foi referida como tendo sido religiosa em Celas⁷⁴, tendo entrado para o mosteiro com uma irmã, Escolástica da Silva e Lemos, que é também referida por Barbosa Machado.

Ora, entre a documentação do mosteiro de S. Bento de Cástris, encontramos

71 Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXXI/2-27, fl. 404v.

72 Arquivo Distrital de Évora, *Notarial de Évora*, Livro 442, fl. 42v.

73 MACHADO, 1933: Tomo III, 421, col. esq. Recorde-se que para o P. Manuel Fialho a sua morte terá ocorrido em 1662.

74 CARDOSO, 1666, Tomo III: 442.

justament
1612, por
irmão de
surge com
aqui num
Maria de
cas, pois
No
bosa Mac
mentos e
Santo An
com regis
ramonte)
Maria de

Em
e casame
entre 157
1585, foi
(pais de
natural d
de Estren
Évora). N
Costa a p
cónego D
mais uma
tendo co
O primei
de Vasco
timo dos
Fernando
Portugal

Este
relação à

75 Biblioteca

76 Arquivo D

77 Arquivo D

78 Arquivo D

79 Arquivo D

80 Arquivo I

rapazes, é ap

justamente o contrato de dote de Escolástica⁷⁵, que entrou para o mosteiro em 1612, por dote do tio, Francisco do Piemonte, meirinho da correição de Évora, irmão de sua mãe, Domingas da Silva. Porém, em termos de filiação, Escolástica surge como filha de Luís de Mesquita Pimentel e de Domingas da Silva. Entramos aqui numa das mais fortes interrogações sobre as origens e ligações familiares de Maria de Mesquita Pimentel, que nos conduziram a aturadas pesquisas arquivísticas, pois Barbosa Machado dá-a como filha de João Pimentel da Silva.

No que toca aos paroquiais de Estremoz, atendendo às indicações de Barbosa Machado acerca das origens da religiosa, consultaram-se os livros de casamentos e baptizados de Estremoz, tanto para as freguesias urbanas (freguesias de Santo André, de Santiago e da matriz, Santa Maria) como das freguesias rurais com registos para finais do século XVI (S. Lourenço de Mamporcão, Canal e Evooramonte), onde nenhuma referência ao matrimónio dos pais ou ao nascimento de Maria de Mesquita Pimentel foi encontrada.

Em relação aos paroquiais de Évora, foram analisados os livros de baptismos e casamentos das freguesias da Sé, Santo Antão, S. Pedro, S. Mamede e Santiago, entre 1570 e 1640. Num livro de casamentos de Santo Antão⁷⁶, a 9 de Maio de 1585, foi localizado o matrimónio de Luís de Mesquita e de Domingas da Silva (pais de Escolástica, referida como irmã de Maria de Mesquita Pimentel). Luís, natural de Estremoz, era filho de Francisco de Mesquita e Júlia de Lemos (ambos de Estremoz) e Domingas era filha de Manuel da Silva e de Maria Pinta (ambos de Évora). Na mesma freguesia de Évora foi baptizada pelo beneficiado Manuel da Costa a primeira filha do casal, Maria, a 28 de Janeiro de 1586, sendo padrinhos o cónego D. Fernão Martins de Mascarenhas e Luiza de Vasconcelos⁷⁷. O casal teve mais uma filha e dois filhos. A filha, Júlia, foi baptizada em Fevereiro de 1588⁷⁸, tendo como madrinha a mesma da irmã e como padrinho Jerónimo de Moura. O primeiro varão, João, foi baptizado em Junho de 1589⁷⁹. Mais uma vez, Luiza de Vasconcelos é madrinha, sendo o padrinho o cónego Manuel de Sande. O último dos filhos foi Manuel, registado em Dezembro de 1591⁸⁰, sendo padrinho D. Fernando de Castro (1530-1617), alcaide-mor de Évora, titulado por Filipe I de Portugal como 1.º Conde de Basto.

Estes registos suscitam, como podemos verificar, algumas interrogações em relação à religiosa de que nos ocupamos, Maria de Mesquita Pimentel, nomea-

⁷⁵ Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXXI/2-2, fl. 221.

⁷⁶ Arquivo Distrital de Évora, *Paróquia de Santo Antão*, Livro 36, fl. 226.

⁷⁷ Arquivo Distrital de Évora, *Paróquia de Santo Antão*, Livro 8, fl. 12.

⁷⁸ Arquivo Distrital de Évora, *Paróquia de Santo Antão*, Livro 8, fl. 50v.

⁷⁹ Arquivo Distrital de Évora, *Paróquia de Santo Antão*, Livro 8, fl. 74v.

⁸⁰ Arquivo Distrital de Évora, *Paróquia de Santo Antão*, Livro 8, fl. 117v. Registemos que, no caso dos filhos rapazes, é apontada a mesma parteira para ambos, Gracia Nunes.

damente à data do seu nascimento (1586), à sua naturalidade (Évora e não Estremoz) e à filiação (filha de Luís de Mesquita e não de João Pimentel da Silva). Levanta-se ainda a hipótese de que a irmã de que localizámos o contrato de dote, Escolástica, confirmada também com esse grau de parentesco por Barbosa Machado, ter sido baptizada como Júlia (nome da avó paterna) tendo provavelmente tomado o nome de religiosa (Escolástica) aquando da sua entrada no mosteiro. Complementámos ainda a pesquisa com fontes de outra natureza, nomeadamente registos genealógicos existentes na Biblioteca Pública de Évora⁸¹, alguns com indicações específicas para famílias estremocenses⁸². Num destes últimos livros⁸³, nos documentos referentes aos Mesquitas de Estremoz, é confirmado o casamento de Luís de Mesquita e de Domingas da Silva na freguesia de Santo Antão, na Igreja dos Remédios, em Maio de 1585, tendo recebido o casal as bênçãos nupciais em Santo Antão, a 2 de Junho desse mesmo ano. O mesmo documento refere ainda o que acima assinalámos, o baptismo de Maria, filha do casal, a 28 de Janeiro de 1586, com os padrinhos já referidos, contendo porém, para o presente estudo, uma nota marginal preciosa: «Foi freira em S. Bento de Évora»⁸⁴.

Pensamos, desta forma, poder aferir novos dados relativos a Maria de Mesquita Pimentel: a monja escritora terá nascido em 1586, em Évora, filha de Luís de Mesquita e de Domingas da Silva. Não deixamos, porém, de salientar o que fica evidente: a dificuldade de apontar dados precisos a partir destes registos e a complexidade da sua informação, que reflecte também redes familiares bastante complexas, em que a homonímia (muito frequente na época) pode atraiçoar um investigador incauto.

Definida a naturalidade de Maria de Mesquita Pimentel e o ano do seu nascimento (dado que o baptismo, à época, deveria ocorrer até oito dias depois do nascimento da criança⁸⁵), outra das questões que nos parece essencial sublinhar é a da sua elevada formação cultural, demonstrada na sua produção escrita. Tendo nascido já em contexto filipino (circunstância que acompanharia quase toda a sua vida, dado que viria a morrer no decorrer da Guerra da Restauração), ela terá tido oportunidade de usufruir, em contexto familiar, do que restava ainda do prestígio cultural de Évora no final do século XVI; a esse usufruto não terá sido alheio o

81 Biblioteca Pública de Évora, *Fundo Manizola*, Códices 155, 178, 205 (a fl. 275, trata dos Mesquita Pimentel de Évora, senhores do morgado de S. Manços), 207, 438.

82 Biblioteca Pública de Évora, *Fundo Manizola*, Códices 63 a 69. No livro 66, doc. 95, na referência aos Lobos Saldanhas de Estremoz, menciona-se Luís de Mesquita Pimentel, governador de Évora, filho de Francisco de Mesquita Pimentel e de sua segunda mulher, D. Luiza de Pavia.

83 Biblioteca Pública de Évora, *Fundo Manizola*, Códice 66, fls. 324, 324v.

84 O documento refere mais dois irmãos de Maria, Júlia e João, e não Manuel, como o paroquial comprova.

85 Cf. Biblioteca Pública de Évora, Reservado 412 - *Constituições do Bispado de Évora, por mandado de D. João de Melo*. 1565.

estatuto económico-social da família, que com facilidade estabeleceria laços com a conezia ou com a nobreza eborenses, presentes nos baptizados dos filhos. Lembremos o P. Francisco da Fonseca⁸⁶, que, acrescentando o que fora escrito acerca dos autores eborenses pelo P. Francisco da Cruz, no seu *Dicionário*, coloca Maria de Mesquita Pimentel entre as eborenses que se distinguiram nas letras, ao lado de Ana Vaz, da Infanta D. Catarina, filha do Infante D. Duarte, de D. Leonor de Menezes, de D. Margarida de Noronha, freira na Anunciada, de Públia Hortênsia de Castro e de D. Helena da Silva, também religiosa em Cástris, e que terá visto impresso um seu poema sobre a Paixão de Cristo. Alguns destes nomes não podem ser dissociados da elite intelectual que se formara em torno da Casa de Bragança e de Vila Viçosa, com destaque para Diogo Sigeu, erudito que participou na educação do príncipe D. Teodósio. O seu prestígio fez com que as suas filhas, Luísa e Ângela Sigeu Velasco, fossem chamadas à Corte de D. Catarina, mulher de D. João III, onde acabariam por ficar, especialmente Luísa, ligadas à educação de D. Maria de Portugal, duquesa de Viseu, filha de D. Manuel. À sua volta se formaria precisamente uma elite cultural e intelectual feminina em que se destacariam alguns nomes no domínio da cultura e da escrita, podendo ser estabelecidas algumas semelhanças com a corte castelhana⁸⁷.

De qualquer forma, o acesso à cultura e à escrita era facilitado a algumas mulheres pelo ambiente familiar e pela sua origem social, propiciado quer através de professores particulares, quer de património herdado (recorde-se o caso de Domingas Cordeira, religiosa cisterciense de Évora, que levou para o mosteiro não apenas os instrumentos que tocava como também os livros com que a haviam ensinado), quer ainda através de contactos privilegiados com familiares directos ligados à música ou à escrita. Aos mosteiros e conventos cabia complementar essa formação, sendo que nas suas livrarias ganhou pertinência a literatura de cariz teológico-moral. Num período tão próximo à conjuntura pós-tridentina, vigorosa ainda em finais do Antigo Regime⁸⁸, essa literatura provinha de autores originários especialmente do meio clerical. A ela se juntavam as *Constituições, Regulamentos e Estatutos da Regra*, Pastorais dos padres gerais, entre outras, de carácter normativo. No caso de S. Bento de Cástris, e do que restou da sua Livraria, foram inventariados em 1890, aquando da morte da última religiosa, além dos manuscritos e impressos dedicados ao Ofício Divino e dos Missais, os seguintes livros: Fr. Bernardo de Brito, *Primeira parte da Chronica da Ordem de Cister*, Lisboa, 1602; Fr. Afonso da Cruz, *Espelho de Perfeição*, Lisboa, 1615, *in folio*; Fr. Juan de la Cruz, *Obras*, Madrid, 1672, *in 4º*; Fr. Christobal de Lozano, *David Perseguido*

⁸⁶ FONSECA, 1728: 414-415.

⁸⁷ BORREGUERO BELTRÁN, 2011: 76-100.

⁸⁸ Cf. LÓPEZ-CORDÓN, s.d.: 59-69.

y *Alivio de Lastimados*, Madrid, 1674, *in folio*; *Directorio de Religiosas para seo Aproveitamento Espiritual: conforme a Doutrina de Sam Francisco de Sales*, pelo Doutor Fr. Fradique Espinola, Lisboa, 1676; Soror Maria de Jesus d'Agreda, *Mystica ciudad de Dios – Milagro de su Omnipotência*, Lisboa, 1681, 3 vols. *in folio*; S. Francisco de Sales, *Introdução à Vida Devota*, traduzida por Francisco de Sousa, Lisboa, 1682, *in 4º*; Fr. Martin de Torrecilla, *Suma de todas las Matérias Morales arregladas a las Condenaciones Pontificias*, Madrid, 1696, 2 vols.; Soror Maria de la Antigua, *Desengano de Religiosas y de Almas que tratan de Virtude*, Barcelona, 1697, *in folio*; Fr. Antonio Arbiol, *La Religiosa Instruída com Doctrina de la Sagrada Escripura*, Madrid, 1734, *in 4º*, 3 vols.; P. Manuel Bernardes, *Luz e Calor*, Lisboa, 1724; Idem, *Exercícios espirituais*, Lisboa, 1784; S. Bernardo, *Dictames para a Vida Religiosa e Profética*, traduzidos por Fr. João Barba Rica, Lisboa, 1724, *in 4º*, 2 exemplares; Fr. António Garrido, *Taboada Curiosa*, Lisboa, 1743; *Avizos e Reflexoes sobre o que deve obrar um Religioso para satisfazer no seu estado, por um Religioso da Congregação de S. Marcos*, Lisboa, 1758; Fr. Diogo de Madrid, *Vida Admirable del Phenix Seraphico y Redivivo Francisco San Pedro de Alcantara*, Madrid, 1765; Fr. Domingos do Rosário, *Theatro Eclesiástico*, Lisboa, 1782, *in 4º*, 7.^a ed; Fr. Bernardo da Conceição, *O Ecclesiastico Instruído Scientificamente na Arte do Cantochoão*, Lisboa, 1788, *in 4º*; P. João Eusébio Nuremberg, *Diferença entre o Temporal e o Eterno*, Lisboa, 1811, *in 4º*⁸⁹.

Desta forma, temos apenas duas obras com possibilidade de fazerem parte do espólio do mosteiro (considerando a data de impressão) à época de Maria de Mesquita Pimentel enquanto foi aí religiosa: a de Fr. Bernardo de Brito, *Primeira parte da Chronica da Ordem de Cister*, e a de Fr. Afonso da Cruz, *Espelho de Perfeição*, demonstrando a preexistência da sua formação cultural e intelectual. Porém, outros dados há a considerar, atendendo em especial aos relatos coevos sobre a vivência das religiosas no espaço claustral eborense e, naturalmente, partilhado por Maria de Mesquita Pimentel. Assim, temos os discursos do P. Manuel Fialho e do P. Francisco da Fonseca, especialmente os do primeiro, que, ao descrever as dezassete capelas existentes no mosteiro de S. Bento de Cástris, dá conta da grande devoção das religiosas aos mistérios da Paixão do Senhor, aos mistérios marianos, bem como a S. João Baptista, além dos santos da Ordem, S. Bento e S. Bernardo. Era também significativa a presença iconográfica da *Sagrada Família* e de alguns santos de devoção mais particular, como Santa Teresa, Santa Ana e S. Joaquim. Por outro lado, e como testemunho da ambiência espiritual do mosteiro, temos não apenas a produção cronística da Ordem, como obras de carácter intrinsecamente espiritual e metafórico, como, no caso da Ordem de Cister em

⁸⁹ Biblioteca Pública de Évora, Livro 24 do *Fundo de S. Bento de Cástris*, Peça 13, *Cartório e Livraria*.

Portugal, a Cisterciens filhas d'Elgias vir das trinta segundo D. Violan Leonor Coelho e João document Mesquita dessa com ção do Me relato do D. Violan 1563; Ant musicais, s te para o último, D. escrevã em ta Pimentel Assim considerac com Maria de dote co Desta contexto d acima apo tenceu e d realidades pela produ alcobacens

⁹⁰ Biblioteca N Sottomaior, séc

⁹¹ Outras obra formista, parti

II; 1666: Tomo ⁹² No mosteiro entrado para o

Portugal, a obra de Fr. Bernardino de Sottomaio, monge cisterciense, com *Flores Cistercienses do Jardim de Portugal. Elogios das Santas Thereza, Sancha e Mafalda, filhas d'El Rey D. Sancho I de Portugal, Religiosas Cistercienses, e de outras Religiozas virtuozas da mesma Congregação*, manuscrito do século XVII⁹⁰. No total das trinta e sete religiosas aí referidas, nove pertenciam a S. Bento de Cástris, o segundo mosteiro citado com mais exemplos de santidade⁹¹: Isabel de Aguiar, D. Violante de Sousa, Antónia Nunes, Mécia de Távora, Briolanja de Arruda, Leonor Correia, Maria Bernardes (religiosa conversa), Catarina Pires de Carvalho e Joana Peres Ferreirim. Nem de todas estas religiosas encontramos registos documentais, no sentido de apurar a sua eventual convivência com Maria de Mesquita Pimentel. De algumas podemos conferir desde logo a impossibilidade dessa convivência: D. Joana Peres Ferreirim foi morta nos tumultos da Revolução do Mestre de Avis, em Évora, em 1383; Isabel de Aguiar morreu, segundo o relato do P. Fialho, a 3 de Março de 1480, e Leonor Correia em Fevereiro de 1500⁹²; D. Violante de Sousa Chichorro foi abadessa no mosteiro, vindo a falecer em 1563; Antónia Nunes, excelente cantora e muito destra em todos os instrumentos musicais, serviu D. Leonor, mulher de D. João II, tendo-se retirado posteriormente para o mosteiro, mas em data obviamente muito anterior a Maria Pimentel. Por último, D. Mécia de Távora, que foi abadessa no mosteiro, é citada também como escritora em 1587, podendo ter ainda, eventualmente, conhecido Maria de Mesquita Pimentel nos seus primeiros tempos na comunidade eborense.

Assim, apenas podemos apontar, com alguma certeza, que a única religiosa considerada como virtuosa por Fr. Bernardino de Sottomayor que terá convivido com Maria de Mesquita Pimentel foi Briolanja de Arruda, que celebrou contrato de dote com o mosteiro em 1590.

Desta forma, para o entendimento da obra literária desta religiosa e do seu contexto de divulgação, parece-nos imperioso considerar as linhas de força que acima apontámos, onde as questões particulares da Casa cisterciense a que pertenceu e da ambiência espiritual que lhe propiciou não podem ser separadas de realidades mais vastas, como a proveniência familiar ou a aceitação e interesse pela produção literária de Maria de Mesquita Pimentel por parte da Congregação alcobacense, em especial tratando-se de uma obra procedente de mão feminina.

⁹⁰ Biblioteca Nacional de Portugal, Alcobacense 90 – *Flores Cistercienses do Jardim de Portugal*, Frei Bernardino Sottomaio, séc. XVII.

⁹¹ Outras obras foram sugerindo modelos comportamentais para as monjas de clausura em contexto contra-reformista, particularmente para as religiosas cistercienses: ANJOS, 1626; CARDOSO, 1652: Tomo I; 1657: Tomo II; 1666: Tomo III; CIRIA Y RAXIS, 1686-1691; HENRIQUEZ, 1624.

⁹² No mosteiro existiu outra religiosa também de nome Leonor Correia, filha de João Moniz de França, e que terá entrado para o mosteiro em 1573. Cf. MORAIS, 1678, vol. 2, 248 e Tomo II, vol. 1, 564.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

- Arquivo Distrital de Évora, *Notarial de Évora*, Livro 442.
- Arquivo Distrital de Évora, *Notarial de Évora*, Livro 825.
- Arquivo Distrital de Évora, *Paroquiais de Évora, Livros de Baptizados e Casamentos da Sé, S. Pedro, Santo Antão, S. Mamede e Santiago* - (1570 - 1610).
- Arquivo Distrital de Évora, *Paroquiais de Estremoz, Livros de Baptizados e Casamentos de Santa Maria, Santo André e Santiago e das paróquias rurais de Eoramonte e de S. Lourenço de Mamporcão e Canal (Relíquias)* - (1570 - 1610).
- Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXX/1-11, FIALHO, P. Manuel, *Évora Illustrada, com noticias antigas e modernas sagradas e profanas* [Manuscrito], Tomo 4º, 1.ª parte.
- Biblioteca Pública de Évora, Cód. CV/1-20, fl. 29.
- Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXV/1-28, fl. 58v.
- Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXXI/2-1, peça 19.
- Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXXI/2-2.
- Biblioteca Pública de Évora, Cód. CXXXI/2-27.
- Biblioteca Pública de Évora, Livro 11 *Fundo S. Bento*, doc. 7.
- Biblioteca Pública de Évora, Livro 24 do *Fundo de S. Bento de Cástris*, Peça 13, *Cartório e Livraria*.
- Biblioteca Pública de Évora, *Fundo Manizola*, Códices 155, 178, 205, 207, 438.
- Biblioteca Pública de Évora, *Fundo Manizola*, Códices 63 a 69.
- Biblioteca Pública de Évora, Reservado 412 - *Constituições do Bispado de Évora, por mandado de D. João de Melo*. 1565.
- Biblioteca Nacional de Portugal, Res. 521 P.
- Biblioteca Nacional de Portugal, *Alcobacense 90 - Flores Cistercienses do Jardim de Portugal*, Frei Bernardino Sottomaior, séc. XVII.
- Biblioteca Nacional de Espanha, R/ 14996.
- ANJOS, Frei Luís dos Anjos (1626) - *Jardim de Portugal: em que se da notícia de algumas sanctas, & outras mulheres illustres em virtude, as quais nascerão, ou viverão, ou estão sepultadas neste reino, & suas conquistas*, Coimbra: Em casa de Nicolao Carvalho.
- ANTONIO, D. Nicolás (1788) - *Bibliotheca Hispana Nova*. Madrid: Viduam et Heredes Joachini de Ibarra Tipographi Regii, Tomo II, p. 88.

CARDOSO, George (1652-1666) – *Agiológico Lusitano*. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1652 (Tomo I); Lisboa: Oficina de Henrique Valente d'Almeida, 1657 (Tomo II). Lisboa: Oficina de António Craesbeeck de Mello, Impressor de Sua Alteza, 1666 (Tomo III).

FONSECA, Francisco da (1728) – *Évora Gloriosa*. Roma: Officina Komarekiana.

FRANCO, P. António (1945) – *Évora ilustrada: extraída da obra do mesmo nome do padre Manuel Fialho*. Évora: Edições Nazaré.

HENRIQUEZ, C. (1624) – *Corona sacra de la religión cisterciense: en que se refieren las heroicas virtudes de algunas reynas, infantas y princesas sanctas de la orden de N. P. S. Bernardo*. Bruxelas: Em Casa de Ivan Meerbeeck.

MACHADO, Diogo Barbosa (1933) – *Biblioteca Lusitana*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Tomo III, p. 421, col. esq.

MACEDO, António da Costa de Souza (1892) – *A mulher em Portugal*. Lisboa: Cia. Nacional Editora.

MONTEIRO, Manuel, ed. lit.; REIS, António dos, ed. lit. (1745- 1748) – *Corpus illustrium poetarum lusitanorum, qui latinè scripserunt*. Lisbonae: Typis Regalibus Sylvianis, Regiaeque Academiae, Tomo VIII, p. 60, nota 278.

MORAIS, Cristóvão Alão de (1678) – *Pedatura Luzitana*. Tomo VI, vol. 2; Tomo II, vol. 1.

RAXIS Y INOJOSA, Pedro de Ciria (1686-1691) – *Vidas de Santas y mugeres ilustres de el orden de san Benito*. Granada: Francisco Gomes Garrido, 3 tomos.

ESTUDOS

BELLINI, Lígia; SOUZA, Evergton Sales; SAMPAIO, Gabriela dos Reis (2006) – *Formas de creer: ensaios de história religiosa do mundo luso-afro-brasileiro, séculos XIV-XXI*. Salvador: Editora Corrupio.

BORREGUERO BELTRÁN, Cristina (2011) – *Puellae Doctae en las cortes peninsulares*. «Dossiers Feministes», 15 - *Mujeres en la historia. Heroínas, damas y escritoras (siglos XVI-XIX)*. Castellón: Universitat Jaume I / Instituto Universitário de Estudios Feministas y de Género Purificación Escribano, p. 76-100.

CARDOSO, Nuno Catharino (1917) – *Poetisas Portuguesas*, Lisboa, Livraria Científica.

CONDE, Antónia Fialho (2009) – *Espaço literário feminino. A obra de Maria de Mesquita Pimentel*. In *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heran-*

ças Contemporâneas. *Línguas e Literatura. Idade Média, Renascimento, Recepção*. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. https://bdigital.sib.uc.pt/jspui/bitstream/123456789/18/5/espacos_e_paisagens_vol_2.pdf.

GONÇALVES, Maria Margarida Sá Nogueira Lalandá (2005-2006) – *Considerações históricas sobre a Madre Teresa da Anunciada*. «Arquipélago. História. Revista da Universidade dos Açores». Ponta Delgada, 2.^a série, vol. IX-X, p. 275-307.

LÓPEZ-CORDÓN, M. Victoria (s.d.) – *La literatura religiosa y moral como conformadora de la mentalidad femenina (1760-1860)*. In *La Mujer en la Historia de España (siglos XVI-XX)*. In *Actas de las II Jornadas de Investigación Interdisciplinario*, organizadas pelo Seminario de Estudios de la Mujer de la Universidad Autónoma de Madrid, Madrid: Ed. Universidade Autónoma de Madrid, p. 59-69.

MENESES, António Maria José de Melo César e (Conde de Sabugosa) (1919) – *Neves de Antanho*. Lisboa: Portugália.

MORUJÃO, Isabel (1993) – *Entre o convento e a corte: algumas reflexões em torno da obra poética de Soror Tomásia Caetana de Santa Maria*. «Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas», Anexo V, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 123-141.

IDEM (1995) – *Contributo para uma bibliografia cronológica da literatura monástica feminina portuguesa dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa.

IDEM (1998) – *Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: O Memorial da Infância de Cristo de Soror Maria de Mesquita Pimentel*. «Via Spiritus», 5, Porto: CIUHE.

IDEM (2013) – *Por trás da grade. Poesia Monástica Feminina em Portugal-sécs. XVI-XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

NORONHA, Eduardo de (1938) – *O conde de Villamediana*, Porto: Livraria Civilização Editora, vol. 2.